

## Entre piratas e sereias.... polvos e baleias!

Adriana Pelais Regente (\*)



Por que trabalhar o teatro na Educação Infantil?

Esse questionamento deu início ao trabalho desenvolvido em uma unidade escolar da rede municipal de Educação Infantil de Leme/SP, caminho de construção e planejamento de uma experiência que envolveu o brincar e suas diversas possibilidades de criação e aprendizados, tendo a linguagem teatral como ponto de partida.

Durante o ano de 2022 participamos da formação “Experiências em Artes e suas Linguagens na Educação Infantil” com a professora de Artes e formadora do instituto Avisa Lá - Lelê Ancona, uma ação desenvolvida em parceria com a Secretaria Municipal de Educação. A partir das formações, as coordenadoras pedagógicas puderam trabalhar os conteúdos com as professoras em suas unidades para que as propostas de fato chegassem às crianças. Nesse texto, discorro sobre a experiência realizada na pré-escola Emeb Cecília de Souza Queiroz com as salas de Pré 1 e Pré 2, com crianças na faixa etária de quatro e cinco anos.

Com as formações, experiências corporais envolvendo a arte visual, teatral e a dança, além dos suportes teóricos disponibilizados e visitas realizadas em diferentes escolas, foi possível ampliar o nosso olhar, para além das possibilidades das linguagens artísticas que, até então, a escola oferecia. Tivemos, enquanto professoras coordenadoras pedagógicas, o desafio de mobilizar a equipe e buscar resultados a partir dessa nova concepção na prática.

O objetivo, no início das formações, era sensibilizar a equipe docente sobre a importância de se trabalhar o teatro na educação infantil. O vídeo da formadora Lele Ancona – “BNCC: O teatro na Educação Infantil” (Circularte Educação, 2022) apoiou-nos na construção conjunta de atividades teatrais que se relacionavam com os direitos de aprendizagem e com as dimensões dos campos de experiências, tais como: “movimento, expressão, criatividade, oralidade, jogo simbólico, aproximação cultural além de promover íntima relação com o brincar”. Concluímos, portanto, que o teatro deve estar presente na rotina da educação infantil.

No segundo momento considerei pertinente apresentar um suporte teórico, buscando referências sobre as práticas teatrais na educação infantil, conforme aponta a



Base Nacional Comum Curricular no campo de experiência: “Traços, sons, cores e formas – Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos.” (pag. 41 da BNCC)

Marina Marcondes Machado (2011) apresenta uma concepção que nos auxilia a olhar nosso fazer pedagógico e refletir sobre como consideramos a infância em nossa prática. Em seu texto, Marina apresenta o Teatro Artaudiano, que propõe uma desconstrução da linguagem artística e sugere uma leitura de que o corpo vivencia seu personagem, não apenas o representa, sem a imposição de manter uma linearidade de tempo entre começo, meio e fim. Ainda nessa perspectiva, Marina indica a

possibilidade de um diálogo entre essa forma de pensar e fazer teatro na educação infantil e sua aproximação com o jogo simbólico.

Com o referencial teórico sustentado pela ideia de uma criança com grande potencial artístico, criador e dramaturgicamente no contexto do jogo simbólico, foi necessário repertoriar as professoras para planejar as etapas que envolveriam o jogo teatral.

Primeiramente, busquei identificar as características que diferenciavam o jogo teatral do jogo simbólico, que já fazia parte da nossa rotina. Estudando e buscando referências sobre essa questão, encontrei, mais uma vez, a referência da Lelê, que apresenta sete diferentes propostas para se pensar essa prática na escola. Aqui destaco aquelas que nos fizeram compreender esse fazer teatral: “explorar diferentes maneiras de se expressar, explorar o espaço como motivador e usar os recursos dos elementos da cena” (CIRCULARTE EDUCAÇÃO, 2022).



Ao nos questionarmos se essas ideias e conceitos se materializavam nos ambientes e materiais oferecidos para o jogo simbólico das crianças, percebemos uma contradição.

Acreditamos e trabalhamos pautadas em uma concepção de criança criadora, produtora de cultura, protagonista em seu processo de aprendizagem, com poder de fazer escolhas e tomar decisões e, ao mesmo tempo, ainda oferecemos a ela uma mesa com quatro cadeiras, uma dúzia de elementos no centro, limitando qualquer potencialidade criativa e produtora. Cisele Ortiz ilumina essa questão ao sublinhar que: *“a representação que os adultos têm do mundo infantil raramente coincide com as necessidades reais das crianças, e quase tudo que se produz ou se realiza para crianças não costuma considerá-las seres inteligentes, criativos e sensíveis”*. (aput ZURASWKI, 2023).

Esses questionamentos levaram-nos a refletir sobre a presença dessa prática até os dias atuais e promoveu uma tomada de consciência sobre a necessidade de mudança, para realmente conciliar as práticas com as concepções que temos de criança e de educação infantil.

Após a sensibilização das professoras para a importância de incluir o teatro na rotina e de sua contribuição para a aprendizagem, buscamos referências para planejar uma sequência didática. Trabalhamos a partir do material indicado na formação (já citado) com sugestões de práticas teatrais que serviram como ponto de partida para o planejamento, envolvendo outras linguagens como a escrita, a corporal e a tecnológica.

A professora pensou que seria importante ampliar o repertório das crianças sobre personagens e seus contextos. As crianças desta faixa etária, em geral, têm seu universo de personagens restrito aos que a mídia apresenta e nem sempre com riqueza de detalhes. As crianças, embora de forma legítima, falam de personagens de filmes e de desenhos animados que veem na televisão ou na internet e raramente de personagens que possam puxar mais pela imaginação delas. Os livros clássicos de literatura têm personagens mais definidos, muitas vezes podem servir de referência para as brincadeiras das crianças, como os lobos, as bruxas, as fadas, mas a professora também pode trazer novos personagens, enredos e contextos onde as histórias acontecem. É papel da escola ampliar o conhecimento

das crianças, do seu repertório e da sua imaginação, por vezes propondo por ela mesma esse novo contexto, isso foi o que aconteceu nesta situação de apresentar para as crianças os piratas, as sereias, e o universo marinho com polvos e baleias. É uma forma de ampliar os conhecimentos que as crianças já têm.

Primeira Etapa – repertório: o principal objetivo era, então, ampliar o repertório das crianças sobre o tema e os elementos que contemplavam esse cenário, como mares, navios, piratas, sereias, animais aquáticos etc. Assim, a partir do tema navegação e mares, foram realizadas pesquisas online, buscas por vídeos informativos, histórias literárias e lendas folclóricas. Em seguida, as crianças construíram, com a professora, uma lista relacionando os personagens desse contexto (que seriam referência para a criação dos personagens nas etapas seguintes)



Segunda Etapa - Exploração dos elementos: nesse momento a professora possibilitou às crianças explorarem os elementos que serviriam para a composição de personagens e cenários. Esse momento aconteceu na sala



e nas áreas externas da escola, onde as próprias crianças buscavam por galhos e elementos da natureza, como recursos para contemplar as histórias e imagens já conhecidas.

Terceira Etapa – Construção de Embarcações: nessa etapa a professora ofereceu diversos materiais, tais como: tampinhas, sementes, grãos, galhos e folhas propondo um trabalho com artes visuais para a construção de esculturas. As crianças, já conhecedoras desse universo de mares e oceanos, construíram pequenas embarcações.



Etapa Final – Jogo Teatral (cenário): no dia escolhido para a brincadeira, as crianças foram surpreendidas com um espaço externo organizado com elementos naturais, tecidos, caixas de papelão, cones de barbante, tambores que, especialmente dispostos pelas professoras que formavam um cenário cheio de possibilidades de criação de cenas, personagens, ações e diálogos; histórias e situações envolvendo desafios e aventuras de “Piratas e Sereias...Polvos e Baleias”! Primeiramente, as professoras ofereceram elementos para a construção dos personagens, sem critérios de escolhas, e cada criança pode escolher, observando a lista construída na primeira etapa da sequência. Com tecidos coloridos, barbantes, prendedores “vestiram” seus personagens com os figurinos que melhor lhes cabiam. Inclusive, por diversas vezes durante a brincadeira, foi possível observar que, em

diferentes momentos, as crianças escolhiam diferentes personagens.



O espaço organizado do parque e seus muitos recursos possibilitou a ação das crianças e assim, o tambor virou barco, dando início a uma sequência de cenas envolventes, de enredos criativos; ações e diálogos entusiasmados, sem ensaios desgastantes e texto prévio definido ou sem histórias prontas com começo, meio e fim, e também sem falas reproduzidas e decoradas ou, ainda, orientações do que deveria acontecer.

Observei o tempo todo a linguagem das crianças. Palavras que fazem parte desse contexto estavam inseridas em suas “dramatizações”: “Terra à vista”, “estamos em tempestade em alto mar”, “encontramos um mapa do Tesouro, vamos seguir”. A postura das crianças também demonstrava total conhecimento sobre o personagem escolhido. As sereias caminhavam pela areia suavemente, balançando os cabelos e sentavam-se com as pernas encolhidas, sempre com uma canção encantadora, enquanto os piratas tinham um andar parrudo, uma fala

grossa e um cone de barbante entre os olhos, buscando pelo tesouro perdido. Os marujos, em seus barcos, remavam contra uma tempestade que parecia não ter fim, afastando tubarões e se esquivando de raios e trovões, enquanto outro grupo desenvolvia uma busca incessante pelo tesouro em ilhas desconhecidas. Era envolvente e extremamente atrativo observar como a comunicação e sequência de enredos se dava de maneira natural. Em



pares, um complementava a ação e a fala do outro, assim como as cenas que ocorreriam em grupo. Uma grande e estimulante brincadeira de faz de conta, em um universo muito real, o universo da criança!

Poderia concluir o relato da experiência neste parágrafo, destacando as ações das crianças e as aprendizagens envolvidas. A sequência didática apresentada acima perpassou diferentes linguagens e as experiências vivenciadas promoveram a ampliação de visão de mundo das crianças, enquanto as práticas de leitura e escrita possibilitaram o contato com material gráfico e fontes de pesquisa. As esculturas estimularam o contato com a cultura e as artes visuais, além de proporcionar a brincadeira de jogo simbólico permeada pelo contexto do teatro.

No entanto, no final deste percurso é importante apontar duas considerações. Primeiramente, a necessidade de desconstruir uma visão estereotipada de teatro com ensaios repetitivos, linha temporal linear e plateia formada por pais e comunidade escolar e construir uma nova estética teatral, permeada pela brincadeira em um contexto em que o protagonismo infantil e sua potencialidade criativa ganhem destaque.



Essa experiência nos fez entender, ainda mais, que a criança é um ser de ação e sensações que, quando atua no jogo simbólico, “vive” de fato seu personagem e, neste sentido, destaca-se uma palavra-chave: **transformação!**

Transformar o que já existe em experiências potentes de aprendizagem e vivências que formem um ser humanizado, criador de suas histórias, pois enfrentar tubarões em um mar turbulento a bordo de um navio pirata em busca de um tesouro escondido em ilhas desconhecidas ou aventurar-se pelos cantos de sereias e seres folclóricos; atravessar uma tempestade de raios e barulhentos trovões em uma manhã ensolarada de terça-feira no parque da pré-escola, não é para qualquer um.

E aqui entra minha segunda e última consideração.

Foi possível observar uma experiência promovida por meio de muito estudo e planejamento, por professoras comprometidas com seu fazer pedagógico, responsáveis pelo desenvolvimento integral da criança que é, antes de tudo, um sujeito de direitos. E um desses direitos é o brincar na escola, um brincar permeado de experiências divertidas e significativas, que contribuem para as aprendizagens. Tudo isso é resultado de uma ação responsável e propositada, com intencionalidade pedagógica, social e cultural. Engana-se quem pensa que a educação infantil é um mundo encantado onde os acontecimentos ocorrem de forma não planejada e não refletida.



Mas também se engana quem pensa ser impossível a criança brincar e assumir diferentes papéis, como virar uma sereia com cabelos longos em um oceano colorido ou um pirata da perna de pau, com uma imensidão de mundos marítimos para navegar e explorar ilhas desconhecidas, a partir de pesquisas e construção de conhecimentos e relações.

Há muitos enredos possíveis de se transformarem em jogos teatrais.

Pode ser mais fácil do que você imagina pois, com crianças por perto, a curiosidade, as descobertas e o clima de aventura estarão garantidos.



## Referências Bibliográficas

ANCONA, Lelê. **Brincadeiras Teatrais**. Disponível em <https://circularte.com.br/livros-e-artigos/> . Acesso em 09 de agosto de 2022.

**CIRCULARTE EDUCAÇÃO. BNCC: Teatro na Educação Infantil**, Youtube. 15 de junho de 2022. Disponível em [https://youtu.be/blhA\\_ZwLom8](https://youtu.be/blhA_ZwLom8) . Acesso em 28 de junho de 2022.

**Percursos de aprendizagens: práticas teatrais – A Rede em rede: a formação continuada na Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2011**

ZURAWSKI, Maria Paula Vignolia – **A Concepção de Criança e Infância e o Teatro que se produz atualmente** – CBTIJ Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude / 2023 acesso em <https://cbtij.org.br/concepcao-de-crianca-e-infancia-e-o-teatro-que-se-produz-atualmente/>

Brasil. MEC. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC – Educação Infantil**. Brasília, 2017.

---

(\* ) Adriana Pelais Regente, licenciada em Pedagogia (UNIFIAN), pós-graduada em Educação Infantil (UNIFIAN). Atuou como professora da Educação Infantil desde a sua formação e atualmente atua como Professora

Coordenadora Pedagógica na Rede Pública Municipal de Leme. Interessa-se e se dedica à uma concepção de educação infantil que acredita na potencialidade do universo brincante da criança.